



Coupletista hespanhola Aurorita (La Tyrana)

2.<sup>a</sup> série — N.º 481

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS  
PORTUGUEZAS E HESFANHA

Trimestre..... 1820 cty.  
Semestre..... 2840 "  
Ano..... 4880 "

Numero civilco, 10 centavos

# Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris,  
Rue des Capucines, 8

Lisboa, 110 de Maio de 1915

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.  
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, administração, officinas de composição e impressão  
RUA DO SECULO, 43

REMINGTON  
UMC

# CARTUCHOS PARA TODAS AS PISTOLAS E REVOLVERES

Uma estatística dos atiradores exímios de revolver e pistola, mostrará que a maioria usam cartuchos REMINGTON-UMC. Sua explosão rápida, regular e certa são demonstradas pelos records do mundo:

- Campeonato Olympic, ganho por A. P. Lane, marca 499 x 600.
- Campeonato Olympic, com pistola de duelo, ganho por A. P. Lane, marca 287 x 300.
- Campeonato de pistolas e revólveres em geral, ganho por A. P. Lane (Record do mundo) e marca 1261 x 1400.
- Campeonato de revólver dos Estados Unidos, ganho por A. P. Lane, marca 467 x 500.
- Campeonato de pistola dos Estados Unidos, ganho pelo Dr. I. R. Calkins, marca 469 x 500.
- Campeonato por juntas de cinco atiradores, ganho pelo Springfield Revolver Association, record do mundo, marca 1154 x 1250.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic  
Cartridge & Company  
299 Broadway, Nova-York, N. Y.,  
E. U. da A. do N.

Representantes:  
No Sul do Brazil: LEE & WILLELA  
Caixa Postal 420, São Paulo  
Caixa Postal 163, Rio de Janeiro  
No Terriorio do Amazonas  
OTTO KULEN  
Caixa Postal 20 A., Manaus



Agem e em Portoga: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3. Lisbon

## FOTOGRAFIA

*Reutlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS  
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS  
21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

A° VENDA

## Almanaque d'O SEculo

(ILUSTRADO)

A° VENDA

TELEPH. N°2638  
**PERFUMARIA**  
*ROSA D'OURO*  
COLGAL  
SORTIMENTO  
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM N. ALVES  
LISBOA



**CRÈME  
SIMON**  
PARA  
*conservar ou dar*  
**ao rosto**  
**FRESCURA  
MACIEZA  
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospheria, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900

**J. SIMON**, 59, rue du faubourg PARIS 10°  
Saint Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS  
e lojas de Cabelleiros os.

*Desconfiar das Imitações.*

# Comprem as Sedas Schweizer

directamente da Suissa, franco de porte  
a domicilio !

Peçam hoje mesmo amostras das nossas sedas novidades garantidas solidas para vestidos e blusas: Crêpe de China, Duchesse, T.letas, Foulards, etc., Cambraia suissa 120 cm de largo a partir de fr. 1.35 o metro.

Grandissima escolha sobretudo em preto, meio lucto, assim como em branco e côr.

Esta collecção é enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa nova collecção de bordados suissos contendo 80 figurins novos com amostras bordadas representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos cat-logos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suisso. Blusas e vestidos para senhoras, meninas e meninos, em cambraia, Voile, Crêpe, Transparente, Toile, etc. e em sedas novidades desde frs. 3.25. Os nossos bord dos, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente em todos os padrões.

Esta collecção é igualmente enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

**Schweizer & Co.**

Lucerna, E 11  
(Suissa).



**Perfumaria  
Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE N° 2777-LISBOA



**Wizella**  
O MELHOR SABONETE

### Pan-iberismo

Vou registando. Depois da *Union Iberica* de Sejalerva, o *Imperialismo* de Vicente Gay. Nos dois livros, o mesmo delirio do engrandecimento imperial da Hespanha. Nos dois livros, a mesma fórmula de preferencia para a consecução d'esse ideal politico: a anexação violenta de Portugal. As *elites* intellectuaes hespanholas estão, metodicamente, preparando o espirito publico para um imperialismo pan-iberico, que os acasos dinasticos tornaram possivel no fim do século XVI, mas que a experiencia já demonstrou não poder realisar, muito menos hoje do que ha duzentos e setenta e cinco anos, uma combinação politica e economicamente estavel. Não. Não é bem com Filipe II que Afonso XIII se parece: é com Filipe IV.—o Filipe IV de Velasquez, de cuja fisionomia de fim de raça é a expressão perfeita e sobrevivente. Se a anexação de Portugal deixasse de ser uma aspiração de filosofos para tornar-se amanhã um facto,—a Hespanha não teria, d'ai por diante, uma hora de descanço.



### O Fado

Morreu ha dias uma atrizita de teatros populares que cantava admiravelmente o fado: Maria Vitoria. Lembram-se da Julia Mendes? Era uma creatura assim, sem a vibratibilidade e a expressão da pobre Julia,—mas com a mesma magreza, o mesmo ar gymnandro, os mesmos olhos pretos, a mesma boca rasgada, a mesma voz dolente, a mesma tuberculose a mordel-a, a gatal-a, a minal-a. Nenhuma foi bonita. Mas ambas tiveram a perturbadora e incoercivel beleza do sentimento, que transfigura todas as feias e que domina todos os homens. Ambas se notabilisaram no fado,—a canção por excelencia da dor e da volupia, da ternura e da desgraça. A ambas seguiu na morte, não já a sombra do amor, mas a sombra da piedade de um homem.—«Sabem vocês o que é preciso para se cantar bem o fado? —perguntava o moço Anadia, n'uma madrugada das Marnotas, ao apontar do sol, os pés já nas estribearas de prata.—Ter a certeza de que se morre aos vinte anos!»



### Chapéus altos

Admirou-se então muito, minha querida amiga, de ser tão velho o chapéu alto? Se é velho! Olhe: aparece, no século XV, n'um retrato de Van Dyck. Depois, nos quadros de Rembrandt. Carlos VII, quando entrou em Ruão, levava um chapéu alto.

O nosso D. João III usou um feltro mole, estreito, cilindrico,—que parecia um «tube» moderno. Em 1787, já o chapéu alto estava esquecido, quando um inglez se lembrou de passar em Paris com um canudo na cabeça. Você calcula lá o sucesso! Veio o chapéu alto de Theroinge de Mérouit, o chapéu alto dos elegantes da revolução, o mesmo chapéu alto que Pina Manique, em Lisboa, perseguia como «indigno barrete de jacobinos»,—e a moda pegou. Hoje, vemos Paul Her vieu, vemos Le Bargy a defendel-o. Porque é belo o chapéu alto? Evidentemente, não. Porque um «huit-reflets» bem tratado, bem escovado, é a afirmação eloquente da distincção de quem o usa. Se fosse possivel —dizia Souza Martins—resuscitar um grezo elegante da Athenas do quinto século, apresentarl-lhe um chapéu alto, e prevenir-l-o; sem mais explicações, de que era uma peça do vestuario masculino, o atheniense olharia com estranheza o «tronblon», voltal-o-hia nas mãos e perguntaria a si mesmo:—«Em que diabo de cilindro enfiarão eles este canudo?»



### Livros de creanças

As creanças portuguezas são pouco felizes.



Ainda hontem eu o pensava, vendo uma coleção preciosa de livros inglezes para creanças. Que nitidez, que eloquencia, que clareza, que conhecimento perfeito da psicologia infantil,—que poder de persuasão, n'esses desenhos coloridos, japonezes, ingenuos, cheios de ação, de simplicidade, de movimento! Nós não temos nada,—ou pouco temos. Dentro de cada pedagogo portuguez ha ainda a reliquia d'um padre doutrineiro, com a sua cana e o seu barrete. Não sabemos educar. Não sabemos, principalmente, escrever para creanças. Por isso, quando aparece alguém com o intuito do livro infantil, devemos estimulal-o, incital-o, applaudil-o.

A sr.ª D. Emilia Souza Costa, a illustre escritora que ha pouco adaptou para creanças os contos das *Mil e uma noites*, é um exemplo d'esse intuito especial de maternisação do livro, de que nós somos tão pobres,—e os inglezes tão ricos.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



# A no grande

ERA mais que fanatismo, era cega idolatria o sentimento que o velho professor experimentava por aquela deliciosa creança, a sua discípula d'leta.

Nem pôde haver encanto comparavel aos que ele achava na suave intimidade d'aquelas lições, perfumada de todas as delicadezas.

Duravam duas horas durante as quaes o digno velho, aquecido ao brando calor de um astro, cuja ascensão réta ele media com amor, se esquecia, remoçado, dos homens e do mundo. Esquecia-se da sua sobrecasca lustrosa e cocada nos cotovelos, das joelheiras das suas calças pretas no fio, dos seus tremores senis, das suas miserias todas.

Ve-la! Ouvi-la! Respirar durante duas horas o ar que ela respirava, sós os dois, para o la do jardim, no discreto gabinete de estudo, onde não havia espelhos que o alvertissem do grotesco dos seus inoportunos entusiasmos, traduzidos fielmente no seu radioso sorriso, que era o esgar de uma boca sem dentes, no seu olhar enlevado, que o arco senil amortecia. O céu!

Izabel era a propria candura. Todas as inocências, todo o mimo de uma donzela adolescente creada no maior recato.

A arte era a sua paixão. A paizagem era o que mais cultivava em telas grandes, de extensa perspetiva.

O mestre entrava familiarmente á hora da lição sem fazer ruido e ficava-se mudo por detraz d'ela, sobranceiro e inseparavel guarda-chuva de orieã, embevecido no grato brazer de a contemplar uns instantes antes que ella dêsse por a sua presença.

Era o amor da arte que triunfava ás vezes d'esse outro amor que insidiosamente se lhe instalára no coração e o traía por um «bravo» ou por um estalido peculiar da lingua contra o céu da boca, expressão inevitavel do seu descontentamento quando a via, a ela, a sua «artista», fazer um traço empastado, errar uma nota de colorido. Uma distribuição de luz discordante, um contorno duro eram faltas que não podia perdoar-lhe. E enquanto ella corrigia, calada, afeita já as suas manifestações de desgadio, novo estalido, agora mais forte, impaciente, ou um gesto mudo de aprovação acompanhado de um sorriso que o senso artistico de Izabel adivinhava, segundo o retoco dado ao quadro, vinha revelar a impressão má ou boa que o trabalho da discípula n'ele produzia. E só então ella se voltava para o bom Seromenho e elle dizia risonha ao tomar-lhe das mãos o guarda-chuva e o chapéu:

—Ora viva o meu querido mes're! Aquella voz harmoniosa, um gorgeio de ave, instilava mel na alma do pobre homem.

O amor dos velhos!

Um «ridículo» lhe chama a crueldade inconcebível mas real dos moços firmemente persuadidos de que «vingt francs et vingt ans ne finiront jamais». Um mixto infraduzível de todos os amores, é o que é. U a beatitude em adoração perpetua capaz de todos os sacrificios e de todas as renuncias. Tal era o estado de alma do pobre Seromenho.

Fôra em tempos professor da Academia de Belas Artes. Doença grave na idade adulta afastara-o do trabalho e levára-o no seu prolongamento á miseria extrema da pobreza envergonhada. O que lhe val-u foi que nunca tomára encargos de familia; contudo passava grandes necessidades quando um seu velho amigo, officia! reformado, tendo sabido que o coronel Cerqueira, viuvo e pae de uma filha unica a quem fa-

zia todas as vontades, procurava arranjar á filha um professor de pintura cuja idade avançada fosse segura garantia de seriedade, lhe arranjou aquella lição.

O coronel vivia bem, muito melhor que o soldo lh'o permitiria e todos o supunham rico se bem que ninguém soubesse a proveniência da sua abastança. Vivia n'uma boa casa com a filha, uma governanta idosa, a cozinheira e o impedido. Tinha poucas visitas e recolhia tarde. Uma vez ou outra levava a filha ao teatro quando havia companhias de opera, e algum raro passeio ao campo se ella instava, preferindo tê-la em casa occupada de musica ou pintura para que ella mostrára precoce vocação.

Havia o quer que fosse misterioso na vida do coronel, que elle occultava cuidadosamente, mas que uma ruga da fronte, vestigio de constante preocupação, denunciaria a um observador perspicaz.

Procuravam-n'o com frequencia pessoas que não eram da sua condição social e o impedido tinha ordem terminante de as introduzir n'uma saleta que deitava para a escada e servia de escritorio, sem permitir que falassem com as mulheres da casa, que por macula do peccado original, curiosas em extremo, não raro escutavam o que se dizia na saleta e frequentes vezes ouviam alterar, sobresaindo sempre a voz do visitante, abafada pelos reposteiros. Intrigava-os o misterio, mas ainda não tinham podido profundalo. O impedido era um lórpa que na sabia dizer. Com a menina não contavam, porque não se deinha a ouvir-as e toda se entregava aos seus estu los predileitos no outro extremo da casa.

Assim corriam as coisas ao tempo em que se organisaram as primeiras expedições á Africa.

Um dia, quando ninguém o esperava, saia na ordem do exercito o nome do coronel Cerqueira, indicado para tomar parte n'uma expedição.

Esta noticia, trazida por um camarada do coronel á hora do jantar, produziu n'ele uma tão pensosa impressão, que mal a poud encobrir, apesar do sangue frio com que encarava as contingencias da vida.

Izabel deitou-lhe os braços ao pescoco, acarinhando-o.

—Que longa viagem, meu paesinho, e que perigos vae correr! Que pena eu não poder ir comsigo! Não se pôde, pois não?

—Ton! E não é o que me preocupa menos, ter de deixar-te só. Emfim, só a morte não tem remedio. Não te inquietes por mim, que hei de voltar. Entretem-te com os teus estudos e verás como o tempo passa depressa—concluiu o coronel beijando-a e levantando-se da meza.

Passou ao escritorio com o camarada que lhe trouxera a noticia, o general Campos, cujo filho partiria na mesma expedição com o coronel e fecharam-se os dois.

Eram amigos desde a Escola do Exercito, afastados pelas circumstancias da existencia de cada um, o que em nada antiabiára a sua velha amizade.

Mal fechou a porta atraz de si, o coronel lançou-se nos braços do general Campos, exclamando n'uma explosão de dôr.

—Não posso ir, não posso ir!

—Que é isso, homem, fraquejas, tu?

—Enganas-te, não me falta a coragem, mas não posso ir.

—Que ha então? Que razão é essa tão forte que te faz soírer assim, meu velho?

— Não te lembras já do meu desgraçado vício?  
— Quê, pois isso ainda dura?! Fizeste algum desatino?  
— Sim, estou na miséria. Primeiro foi-se o que era meu. Atraz a legítima da filha. Na esperança de recuperar, rebati os soldos, contrai dívidas, assinei letras com um juro fabuloso... um horror de vida. Se transpira que eu saía d'aquí, tudo me cae em cima, penhoaram-me a casa. Mal sabes que lutas se dão entre as quatro paredes d'este cubículo, onde os credores me procuram com insistências que chegam às ameaças. Se não fosse aquela adorável criança, já teria metido uma bala na cabeça.

— Refinas-te então n'essa loucura!

— Uma fatalidade, meu João. E' se arrastado, atraído para aquilo por uma força irresistível, a pesar dos mais firmes propósitos. Eu prometo a mim mesmo mil vezes não tornar a jogar; mas á vista d'aquella maquina infernal perco a cabeça... E' só uma parada... pôde-se ganhar tanto de uma vez só... Se eu recuperasse a legítima de Izabel não jogaria mais. E' questão de sorte e de calculo...

— Mas que não sae certo senão ao banqueiro, desgraçado, — murmurou o general deveras compungido.

— O diabo da sorte foge de mim. Mas este azar ha de ter um termo. Se eu ainda podesse...

— Não estás em ti homem! Encara bem a tua situação, para vermos como has de sair d'ela airoosamente e não quizes afundar-te mais. Tens de partir por força. Estes deveres não se declinam. O que é preciso é arranjar as coisas sem desdouro para o teu nome.

— Não sei como — disse o coronel com desanimo, deixando pender a cabeça sobre o peito, ao passo que duas lagrimas ardentes lhe deslisavam lentamente nas faces sulcadas de rugas precoces.

Seguiu-se um demorado silencio, que foi interrompido pelo general Campos.

— O Antonio Manuel, aquele sobrinho de minha mulher, que lá em casa encontraste no dia dos anos d'ela, é um lavrador riquissimo, um tanto pé de boi, mas bom rapaz, que anda estonteado pela formosura da tua Izabel. Casemo'-os. Expões-lhe a tua situação. Ele liberta-te as propriedades para lhe pagares quando poderes e já tal aceita em n'uma primeira hipoteca para fazeres face aos compromissos urgentes, até ele mesmo talvez.

— A minha Izabel, a unica alegria da minha vida, vendi-a, oh! isso não. Fui um grande criminoso, julgas-me capaz de tudo, tens esse direito, mas isso não! Tu não medes o que me propões — bradou o infeliz coronel no auge da dôr.

— Mas que diabo! quem te fala em vendê-la? Estás desorientado. A rapariga tem idade de casar, com alguem ha de ser. Com a educação que tem levado, toda innocencia, não tem preferencias e anuirá á tua vontade. O rapaz, concordo em que não é rapaz de sala, será mesmo abrutado; mas sente; tem um grande coração; pôde fazer a mulher feliz, a seu modo:

— Ainda assim, não devo.

— Deixo-te esta idéa. E' o que te salvará. E volto amanhã para reso'vermos o caso, que não ha tempo a perder!

Izabel voltou para o seu gabinete de estudo apoz o jantar em que soubera da partida de seu pae para a Africa, relembrando as palavras do general Campos e os nomes que ele citára, incluindo o do filho, o tenente Juio Campos.

— Julio — repetia Izabel melancolica.

— Meu pae e Julio, ambos vão. E' um rapaz tão delicado, de olhar tão meigo... faz-me lembrar o da minha pobre mãesinha. Que pena se o não torno a ver. E a meu pae, tão meu amigo... Para que havrá guerras, meu Deus! Pois se os homens são todos irmãos porque não hão de amar-se em vez de se guerrearem? Que de perigos vão correr, o meu querido pae, Julio...

E para ali ficou, até lhe trazerem luz, a cismar, associando incoscientemente aqueles dois nomes. N'isto appareceu-lhe o pae.

— Minha Izabel, tenho que te dizer.

— Começou ele com voz mal firme — como ouviste, parto brevemente para longe. Não quero deixar-te só. Estás uma senhora, fizeste os teus dezesseis anos, penso em casar-te para ir tranquillo.

— Ah! meu paesinho, sou tão nova, não tenho inclinação nenhuma para o casamento. Resolva nas coisas d'outra maneira, sim? Pede-lhe a sua Izabelinha — supplicou ella abraçando-o carinhosa — não me quero casar ainda.

— Isso é cianice filha.

— Mas eu não gosto de ninguem...

— Tu gostarás se tiveres um marido bondoso, teu amigo, que te faça as vontades, que te deixe o teu capricho da pintura, o que mais aprecias por agora.

— Não é bem assim, meu pae — replicou Izabel com firmeza. Hei de primeiro anar o homem com quem tenha de casar. Em quem pensa o meu pae? — indagou ella a medo.

— N'um rapaz de grande alma e de grande fortuna, que te proporcionará uma existencia de opulencia, de felicidade e de amor.



—E é...?

—O Antonio Manuel, o sobrinho do meu amigo Campos.

—Não, não, o sobrinho não. Não o quero. E' um labrego. O' meu pae, não pense n'isso.

—O sobrinho não—murmurou o coronel—dar-se-ha o caso...—e concluiu em voz alta:—Bem, filha, isto tem de ser. Quero que fiques casada. A' manhã trata-se de tudo.

—Não caso, meu pae. Escusa de insistir que não caso—repliqua a rapariga levantando a cabeça e encorando de frente com o pae.

Este, em face de uma resistencia a que não estava habituado, retomou os seus modos bruscos de comando e reto: quii.

—As raparigas não tem vontade sua. O que os paes mandam é o que se faz. —E saiu do gabinete deixando Isabel dominada por uma resolução tão firme de resistir como a do fim de impôr a sua vontade.

Nem um nem outro dormiram essa noite.

O pai inflexível mas sangrando-lhe a alma pelo sacrificio que exigia da filha idolatrada que elle suspeitára ter já o coração preso pelas palavras que elle ouvia; a filha que pela repugnancia á idéa do casamento reconhecera ter gravada n' alma a imagem d' outro homem, decidida a revoltar-se, suspeitosa de que o pai já não a amava como d' antes, sentindo apesar d' isso remorso de lhe desobedecer, sangrando das suas primeiras feridas.

De pé mal rompeu a aurora, deu uma grande volta pelo jardim e logo que foi dia voltou ao quadro que estava no cavalete, a paisagem esboçada n' um passeio de arredores onde pela primeira vez vira o tenente Campos.

Retocava aqui e ali quando ouviu a voz sibilada entre as falhas dos dentes de Seromenho exclamar atraz de si.

—Denial!

Voltou-se. Elle mirou-a com um olhar enternecido a que nada escapava e perguntou inquieto.

—Está doente?

—Não que eu saiba. Só d' alma...

E n' uma necessidade irreprimível de expressão ajuntou:

—O sr. Seromenho é muito meu amigo, pois não é?

—O' menina...

—Como se fôsse minha mãe?

—Não é bem o mesmo, mas... sim, como se fôsse sua mãe.

—Então vou contar-lhe as minhas desditas: meu pai vai para a Africa.

—Não pode ir.

—Não pode porquê? Digo-lhe que vai. E quer-me deixar casada com um homem que não é o meu escolhido.

O velho Seromenho sentiu uma onda de sangue subir-lhe á face n' um grande afrontamento. Esteve um pedaço a respirar fundo sem responder e indagou depois timidamente:

—E quem é o escolhido?

—O cavaleiro que passa ao fundo n' aquela paisagem, não vê?—disse Isabel apontando a tela com desanimo.

—Ah! E o noivo proposto?

—Um rapagão enorme, um camponio grosseiro que vem á cidade de jaqueta de alamares e grilhão muito grosso com grandes berloques. Dizem que é bom homem, mas o meu gosto não é aquele genero. Que é muito rico; mas que me importa isso! Não preciso da sua riqueza. Tenho bens de minha mãe. Meu

pai vive na abundancia. E que assim não fôsse, o dinheiro não é que dá a felicidade.

—Completa-a.

—O ótimo é inimigo do bom, diz o sr. Seromenho ás vezes. Já disse a meu pai que não caso e não caso.

—Pois eu digo-lhe que casa, minha querida menina. E que seu pai corre um grande perigo se a menina rejeitar esse casamento.

—Um perigo, meu pai? Um grande perigo?

—Sim. Conheço a situação em que elle se encontra pelo amigo que me apresentou cá em casa. Tem os negocios por tal fórma embrulhados que não poderá partir para a Africa se elle não valer alguém com dinheiro, muito dinheiro. A esposa do tal Antonio Manuel, por exemplo, que será rica—concluiu Seromenho em tom sarcástico. E, depois, pezaroso da expressão, juntou insinuante:—Case. A sua recusa seria a morte de seu pai, a desonra.

Isto foi dito quasi ao ouvido de Isabel, olhando para todos os lados como se receasse ser ouvido.

Isabel tremia toda n' uma convulsão.

—Jura-me que isso é verdade?

—Juro-lh'o... por si.

O almoço correu em silencio.

Quando acabou o serviço e ficaram sós, pai e filha, esta lançou-se-lhe ao pescoço, beijando-o ternamente e cofiando-lhe os cabelos grisalhos.

—Perdôa á sua Isabel as suas crancias, não perdôa, meu paisinho?

—E então?

—Então, a vontade do meu querido pai foi sempre a minha, não é assim? Como o meu pai ha de ter muitas coisas a tratar antes da sua partida, faz-se isto á capucha, sim? De manhã cedo, na igreja e no civil, sem aparato, isso é que eu queria. Com esta tristeza da sua partida, não tenho disposição para festas.

O coronel agarrou a cabeça da filha e cobriu-a de beijos n' uma comocão extrema, compreendendo a grandeza do sacrificio, sem contudo suspeitar o mobil d' elle.

Imediatamente se tratou do casamento e se regularisaram os negocios do coronel Cerqueira.

Dias depois, á despedida, no caes do embarque, enquanto Isabel, largando o braço do marido se abraçava ao pai, o tenente Campos, já no convez, tendo entre as suas as mãos de seu pai, que apertava n' uma contração involuntaria, olhava-a com um sorriso de amargura. E junto a um pilar em terra, o velho Seromenho sorria igualmente, n' uma expressão intraduzível de carinho, de abnegação e de melancolia, ao passo que dos olhos sem brilho lhe caíam lagrimas que vinham dos mais intimos recessos da alma, sangrando tambem, como a do tenente, perdidas as suas illusões; a do pai, adivinhando a dor que ferira o coração do pobre rapaz, a do coronel lacerado pelo remorso, a da infeliz criança, sacrificada a um vicio que faz tão irremediáveis desventuras, que reduz tão numerosos lares á mais absoluta miseria, que leva tantas vezes á desonra e ao crime.

A. C.

4 IV—15.



## A peça de uma escritora brasileira representada em Londres



Uma cena da peça *The Bet*, representada em Londres pela grande atriz franceza Rejane.

Os jornaes de Londres referem-se com calorosos elogios á representação da: peça *The Bet* n'um dos seus primeiros teatros. Parecendo pelo titulo que se trata de uma obra de dramaturgo inglez, aquelle primoroso trabalho literario é de uma escritora brasileira, senhora de tão gentil destaque pelos seus dotes pessoases e pela sua illustre familia, como pela vivacidade do seu espirito

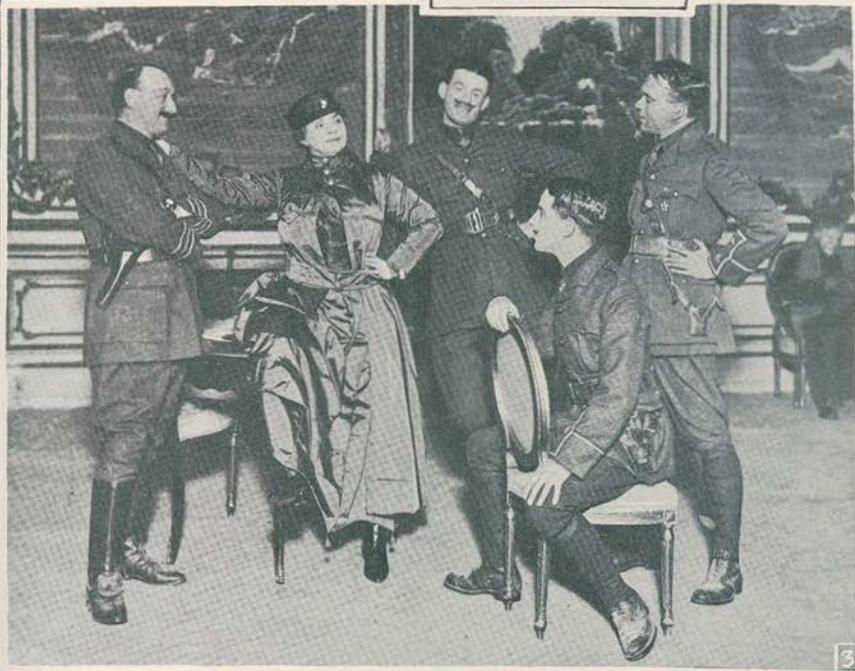


2

culto e pelo brilho da sua pena. E' a sr.ª D. Regina Regis, filha do insigne embaixador do Brazil em Portugal, sr. dr. Regis d'Oliveira, a qual ainda ha pouco tempo deu a honra de uma visita ao nosso paiz, onde conta numerosos admiradores do seu peregrino talento.

O papel da protagonista foi desempenhado pela grande atriz Rejane, uma notabilidade mundial, que fez realçar de uma forma surpreendente a obra prima da sr.ª D. Regina Regis, obra cujo merito real ficou bem consagrado pela numerosa e distinta assistencia que a aplaudiu.

Tanto a sr.ª D. Regina Regis, como seu illustre pae tem recebido vivas felicitações por este verdadeiro acontecimento teatral.



3

2. A sr.ª D. Regina Regis, filha do illustre embaixador do Brazil em Lisboa, autora da peça *The Bet*.  
3. Outra cena da peça *The Bet*

## Congresso do partido unionista

No teatro Politeama, onde não ha muito se celebraram os congressos do partido democratico e dos evolucionistas, realisou-se tambem, na passada semana, o congresso do partido unionista, que foi muito concorrido.

Foram apresentadas teses sobre os mais complicados servicos da administração publica e politica, as quaes ficaram para ser discutidas em novo congresso que deve reunir no proximo mez de novembro. O chefe do partido, sr. dr. Brito Camacho, fez afirmações politicas muito importantes e combateu



O sr. dr. Brito Camacho discursando

a attitude dos inimigos da Republica que o governo parece proteger. Saudou o exercito, a quem se deve confiar a manutenção da ordem e a defeza nacional e exultou os soldados portuguezes que na Africa defendem a Patria. Acrescentou que era dever do partido concorrer á urna nas proximas eleições, mas sem compromissos de qualquer especie. Para o seu triunfo é bastante o passado honesto dos que o rodeiam. Todas as afirmações do sr. dr. Brito Camacho mereceram o mais franco acolhimento da illustre assemblea.



Um aspêto do congresso—(Cléché Benollet)

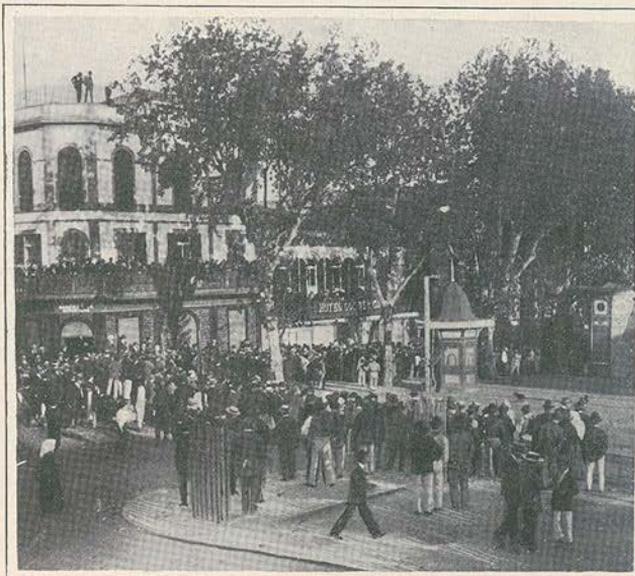
## OS ACONTECIMENTOS NA MADEIRA

A bela e fértil Ilha da Madeira, justamente denominada a *Pera do Oceano* tem sido gravemente afetada no seu commercio e industria, pela guerra europeá. O seu vasto porto, a que diariamente chegavam seis e sete vapores, hoje só com longos intervalos vê chegar um ou outro, o que é uma alegria para todo o commercio. Atualmente só fundeiam na bahia do Funchal os vapores S. Miguele da carreira da Africa, raro e muito irregular, alguns da *Booth Line* e *Royal Mail*, sendo mais regulares os da *Union Castle Line* que fazem o serviço entre Londres e Cap Town.

Uma das industrias mais conhecidas no extrangeiro alem dos *brabados da Madeira*, que tem fama universal, é a fabricação de

cadeiras, sofás, mesas e cestos de vimes, industria de que vive uma pequena vila de 4.700 almas, chamada *Camacha*, sendo os seus habitantes conhecidos por *Camacheiros*.

Foram estes operarios que, vendo a sua industria completamente parada por os estabelecimentos de artefactos madeirenses estarem abarrotados de moveis de vimes a que não podem dar collocação, resolveram reunir e virerem ao Funchal pedir o baricamento do pão e algum trabalho, metendo-se por meio dos pacificos operarios elementos perturbadores que provocaram grandes disturbios, sendo acutilado o povo e havendo muitas prisões.



O largo da Restauração varrido pela tropa



A força militar na ocasião em que formava na Avenida Oeste para carregar sobre o povo. Ao centro vê-se o kiosque onde o *Seculo* tem a sua agencia e ao redor do qual se agruparam os populares.

(Clichés dos distintos fotografos srs. Perestrelo & Fillios).

# A tourada no Campo Pequeno



O cavaleiro Brun da Silveira, que recebeu a alternativa, toureando



Um ferro do cavaleiro José Casimiro que trabalhou magistralmente

Embora de semana, a casa esteve cheia. Por mais que se pregue, não ha fórmula de fazer esmorecer no povo portuguez a paixão pelos touros, paixão tão irresistível que até opéra o milagre de lá vemos, sob o conveniente recato, é verdade, alguns bons prégadores a apreciar as excelencias do toureio á hespanhola e á portugueza. E na tarde de segunda feira que o havia para ambas as predileções, o que mostra mais uma vez o critério acertado da Empreza.

O espada Posadas é um toureiro consumado. O

publico fez-lhe o mesmo acolhimento carinhoso que fez a «Ale», embora o gado não lhe permitisse dar todo o relevo ao seu trabalho. O cavaleiro Brun da Silveira, a quem José Casimiro deu a alternativa, deixou excelentes impressões pelo seu arojo e pericia, cabendo sem duvida a Casimiro o brilho do toureio a cavallo.

O trabalho dos nossos bandarilheiros Jorge Cadete, Torres Branco, Manuel dos Santos, Ribeiro Tomé, Alfredo dos Santos, Nascimento, Tadeu e Alves, mereceu tambem muitos aplausos.



Um precalço: Meio par de Cadete



Posadas trasteando de muleta  
(Clíché A. Garcez).

## Emigrados que voltam



Sotrée íntima em casa do sr. Francisco Pacheco, oferecida ao seu parente dr. Pacheco Soares recentemente amnistiado



O sr. João d'Azevedo Coutinho saindo da estação do Rocio, acompanhado de sua filha, correligionarios e amigos (Clichés Benoitier)

# Portugal na exposição de Panamá

E' grande o numero de artistas portugueses que mandam trabalhos seus á exposiçáo de S. Francisco, America do Norte. A nossa colonia, que é ali importante e ascende a muitos milhares de pessoas, ha de, certamente, contribuir para que esses artistas, que levaram as suas obras a tão longuissimas paragens, tirem d'elas o proveito dos seus esforços e recebam as homenagens a que o seu talento lhes dá incontestavel direito.

O nosso pavilhão,



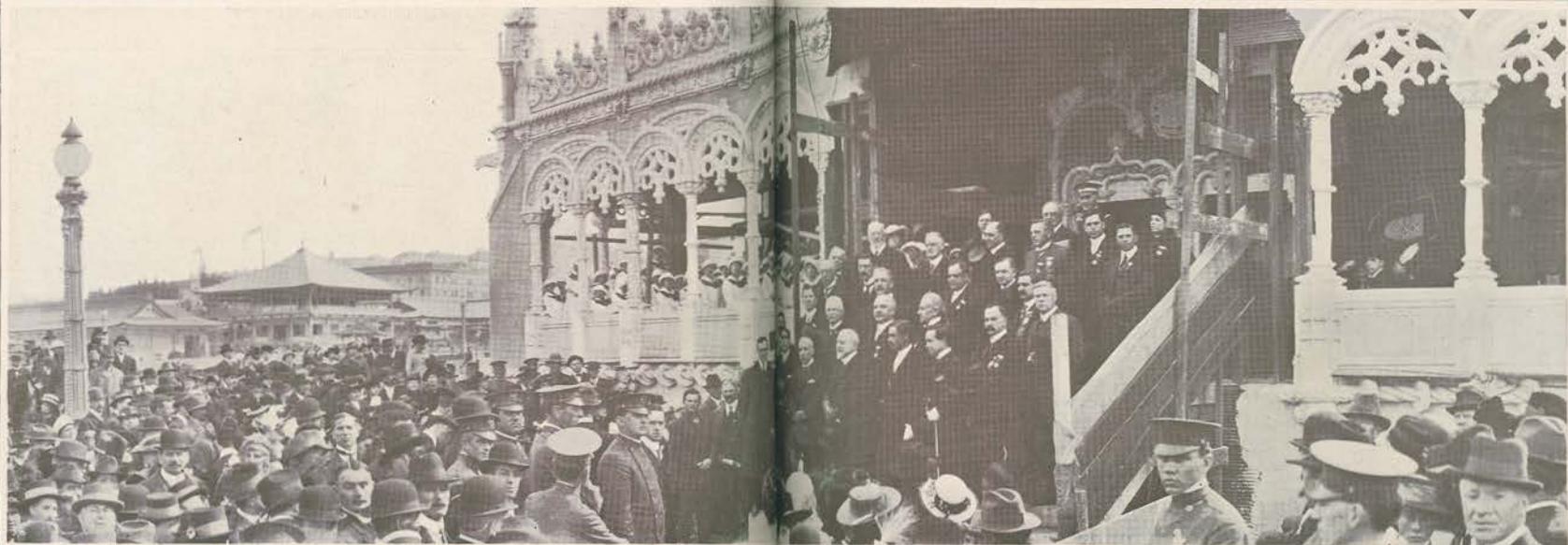
1. Sr. Columbano Bordalo Pinheiro—2. Sr. José Malhão—3. Sr. Costa Mota—4. Sr. D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro—5. Sr. João Vaz—6. Sr. Artur Alves Cardoso—7. Sr. Tomaz Costa—8. Sr. João Ribeiro Cristino da Silva—9. Sr. Simões d'Almeida, Sobrinho—10. Sr. Adães Bermudez—11. Sr. José Campos—12. Sr. David de Melo



13. Sr. Otávio Botelho—14. Sr. Veloso Salgado—15. Sr. Ernesto Condeixa—16. Sr. Ventura Terra—17. Sr. Matoso da Fonseca—18. Sr. Artur Prai—19. Sr. Antonio Manuel Sabido—20. Sr. Antonio Gonçalves d'Azevedo e Silva—21. Sr. Domingos Alvão—22. Sr. José Vaz Junior—23. Sr. Narciso de Moraes—24. Sr. Frederico Aires

lhão, que representa motivos architectonicos portugueses das epochas mais gloriosas para a arte nacional, tem sido justamente apreciado, não passando despercebido n'aquelle colossal conjunto da manifestação da manifestação do trabalho a que o mundo concorre.

Os artistas que executaram essa lindissima obra devem considerar-se bem satisfeitos pela admiração que ella causou e que tanto concorre para elevar o prestigio de Portugal no campo da arte.



Pavilhão Portuguez na Exposição: A' esquerda os meninos da colonia portugueza que compõem o orfeon; á direita, a banda de musica, composta por alguns elementos portuguezes. Na escada: Entre diversos portuguezes os srs. Roldan y Pego e Lauterbach.

# NO SUL D'ANGOLA



**Lubango:** Infantaria (7 acampada no caminho de Huilla—(Clichê do disímulo fotógrafo amador sr. Alberto da Costa)

No Lubango e na Chibia continuam a reunir-se as forças expedicionárias que partiram de Lisboa para defenderem dos ataques dos alemães as nossas possessões da Africa do Sul. Os postos militares d'aquella extensa região já se encontram providos das munições e homens necessários para a sua defeza, como d'ali nos comunicam.



**3 Chibia:** Quartel—3. **Lubango:** Um carro boer carregado com arroz, pronto a marchar para a expedição (Clichês do sr. Teles Grilo)



1. **Lubango:** Estação militar telegráfica. Da direita para a esquerda: srs. José Simões, D. Carollina Simões, José Alves, Ernesto Acacio de Oliveira e Joaquim d'Oliveira



2. **LUBANGO:** Ponto de «etappes». Chegada dos «camions» com carga — 3. **LUBANGO:** Automóvel do comandante das forças, sr. Alves Rocadas, que anda em serviço de campanha—(«Clichês do distinto fotógrafo amador sr. Alberto Costa)—4. **LUBANGO:** Grupo de oficiais que fazem parte da expedição. Da esquerda para a direita, sentados, 1.º plano srs.; alferes do secretariado militar, Medeiros; alferes da administração militar, Almeida; tenente da administração militar, Mascarenhas; alferes de infantaria, Heltoncourt.—2.º plano, srs.; Tenente d'infantaria, Ponces; alferes da administração militar, Juvenal; tenente d'infantaria, Fernandes; tenente da administração militar, Edgar; alferes da administração militar, Pereira; capitão do quadro especial d'artilharia, Izidonio—3.º plano, srs.; tenente do quadro especial, Barata; tenente da administração militar, Costa; capitão d'infantaria, Patacho.—De pé, srs.; tenentes da administração militar, Olival e Mendes; capitão d'infantaria, Santos; tenente d'infantaria, Quadros; tenente-medico, Ornelas; medica, D. Maria Amelia; tenente-medico, Amaral; e tenente da administração militar, Virgílio Costa («Clichê» do tenente sr. Adolfo Varejão Aires Balaya).

# FIGURAS E FACTOS



Sr. A. R. Duro, (Zé Jaleco)

**Rodvalho Duro.** —É o conhecido Zé Jaleco, distinto critico tauromaquico do *Seculo*. Escreveu um interessante livro que intitulou «Vocabulario Taurino», no qual explica as sortes de tourear e os termos empregados na tauromaquia, fazendo uma resenha das touradas n'estes ultimos 22 anos. O livro agradou tanto que está quasi esgotado.



Monumento á memoria do illustre professor sr. Silvestre Lima, ha pouco inaugurado na Escola de Medicina Veterinaria de Lisboa.



Sr. dr. Vllaes Fragoso

**Vllaes Fragoso.** —É o primeiro secretario da embaixada brasileira em Lisboa. Auxiliar do barão do Rio Branco, dirigiu por largo tempo, como encarregado de negocios, as legações do seu paiz em Assunção e Buenos-Aires. É um pianista de valor e uma das figuras mais em evidencia da colonia brasileira em Lisboa.



CONCERTO EM PENAFIEL. —Pela distinta amadora de piano sr.ª D. Isabel Silva, realisou-se um concerto a favor da Cruz Vermelha em Penafiel, que correu brilhantissimo e no qual tomaram parte as seguintes senhoras: 1. D. Isabel Silva, a promotora; 2. D. Maria T. M. Guimarães; 3. D. Maria da Natividade Brito; 4. D. Maria Inez Soares; 5. D. Maria Tereza Vasconcelos; 6. D. Adriana Mendes de Vasconcelos;

7. D. Otília M. Santos Viegas; 8. D. Alva Ramos; 9. D. Zulmira Alves; 10. D. Ana Carvalho; 11. D. Maria Augusta Guimarães; 12. D. Rita Abrantes Pereira; 13. D. Maria da Graça Veiga; 14. D. Maria Teopolitina Batista; 15. D. Maria Alice da Silva; 16. D. Carolina A. Ferreira; 17. D. Maria da Graça Brandão; 18. D. Maria A. Cruz; 20. D. Alzira Melo; 21. D. Maria C. A. Ferreira; 22. D. Maria C. Ramos.

## O Velho Mundo em guerra

Os alemães já não sabem a que inventos maleficos e traiçoeiros hão de recorrer para retardarem uma formidável vitória dos aliados que está iminente. A's balas dum-dum e ás «rhapnels», segue-se agora o emprego de gazes asfixiantes, condensados dentro de bombas que, ao estoirarem, formam em volta uma atmosfera irritante, estonteadora, mortifera.

Alguns ganhos, que n'estes ultimos dias tem tido na linha occidental, devem-se exclusivamente a esses vapores deleterios, que, pela sua cor amarelada, pelo peso e propriedades sufocantes, parecem ser de bromo. A Academia de Ciencias de Paris, que se devia occupar do estudo d'essa gravissima questão em 26 do mez passado, adiou o trabalho a pedido da autoridade militar.

Parece todavia que os efeitos dos gazes dentro das trincheiras, isto é, em espaços confinados, são muito mais graves do que em pleno campo, principalmente correndo alguma aragem.

Em todo o caso, se a sua ação não é fulminante, os soldados, respirando-os, ficam atordoados e caem.

E' exatamente o que mais aconteceu em Yprès, saltando-lhes então os alemães em cima a chacinhal-os, visto que nada havia a temer d'aqueles corpos inertes. E com estes e outros expedientes é que eles conseguem alguns pequenos triunfos, em que a propria Alemanha se não ilude, a julgar pelo laconismo com que os seus jornaes os referem.



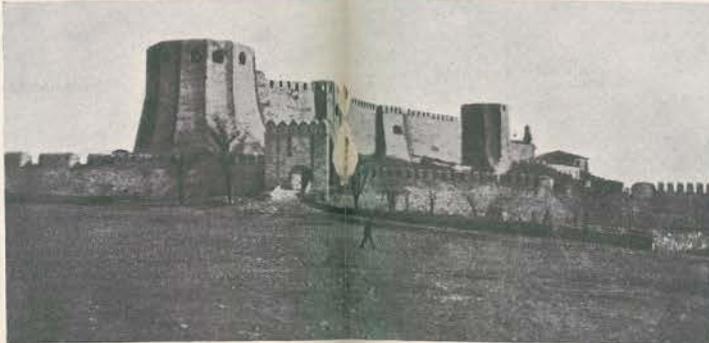
O desembarque da infantaria colonial franceza em Lemnos  
(«Gliche M. Branger)



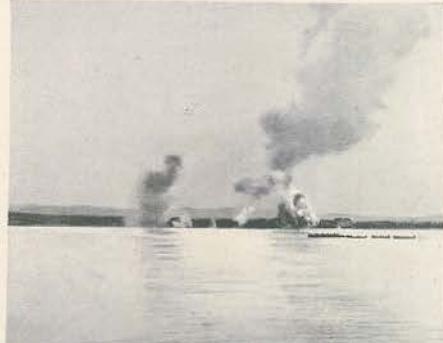
Os transportes do corpo expedicionario anglo-francez ancorados na bahia de Mudros, na ilha de Tenedos



Destruição dos canhões turcos à entrada dos Dardanelos: A explosão d'uma granada causando uma grande coluna de fumo que se eleva no ar.



O castelo vizinho na ilha de Tenedos



Dois canhões turcos, um de 9,4 polegadas e outro de 8,4, ao serem destruídos pelas granadas britânicas, à entrada dos Dardanelos.

Continua o ataque aos Dardanelos por mar e continuam a avançar as tropas aliadas, desembarcadas na península Galipoli, apesar da enorme resistência que lhes tem oferecido os turcos. D'esta ação combinada, cuja necessidade se reconheceu por ocasião do primeiro ataque, é de esperar que não tarde muito que o celebre Estreito fique completamente franqueado às esquadras inglesas e francezas.

E' verdade que as dificuldades ainda não ficam vencidas de todo, porque as baterias altas do Mar de Marmara tem sido ultimamente objeto de cuidados especiais dos alemães; mas segundo os melhores críticos militares, transposto o Estreito, pôde-se considerar Constantinopla rendida, tanto mais que a esquadra russa no Mar Negro, não desistiu ainda do seu



Cena a bordo, na cobertura d'um navio britânico fora dos Dardanelos.—A' esquerda: destacamento de soldados prontos a desembarcar. A' direita: Destacamento de marinheiros preparados para fazer demolições em terra. A' esquerda vê-se também um destacamento de marinheiros prontos a entrar em ação com um destacamento de demolição levando bonets brancos e varios utensilios necessarios ao seu trabalho. (The Sphere).

ataque ao Bosphoro.

Talvez nunca os aliados tivessem até hoje nem voltado a ter uns 75 kilometros tão difíceis, tão perigosos de galgar, quer por mar, quer por terra. A vitória ha de lhes custar homens e navios, sacrificios com que eles aliás contam, mas ha de ser sua. E perante essa vitória, que eclipsará as mais brilhantes de que reza a historia antiga e a moderna, travadas nas mesmas passagens, o fim d'esta tremenda guerra apresentará-se ha muito mais proximo. As nações que, por mais que disfarçam as causas do seu adiamento a entrarem na luta, já não podem ocultar que tem os olhos fitos no problema militar da passagem dos Dardanelos; terão forçosamente de se pronunciar por e a, não restando já Alemanha o menor recurso de outras alianças eventuaes.



1. Uma grande massa de russos atravessando a Polónia para combater os alemães  
2. Um interminável comboio de munições em marcha para abastecimento das forças alemãs e do qual grande parte foi apreendida pelos aliados.



O KAIZER E O FILHO

O kronprinz, que é o comandante do 5.º corpo do exercito alemão e tem o seu quartel general na linha ocidental, recebeu em meados de abril a vi-

sita de seu pae, que bem se esfalta em andrar do oriente para o occidente, e vice-versa, para incutir animo ás suas tropas.

## Como é tratado um prisioneiro inglez

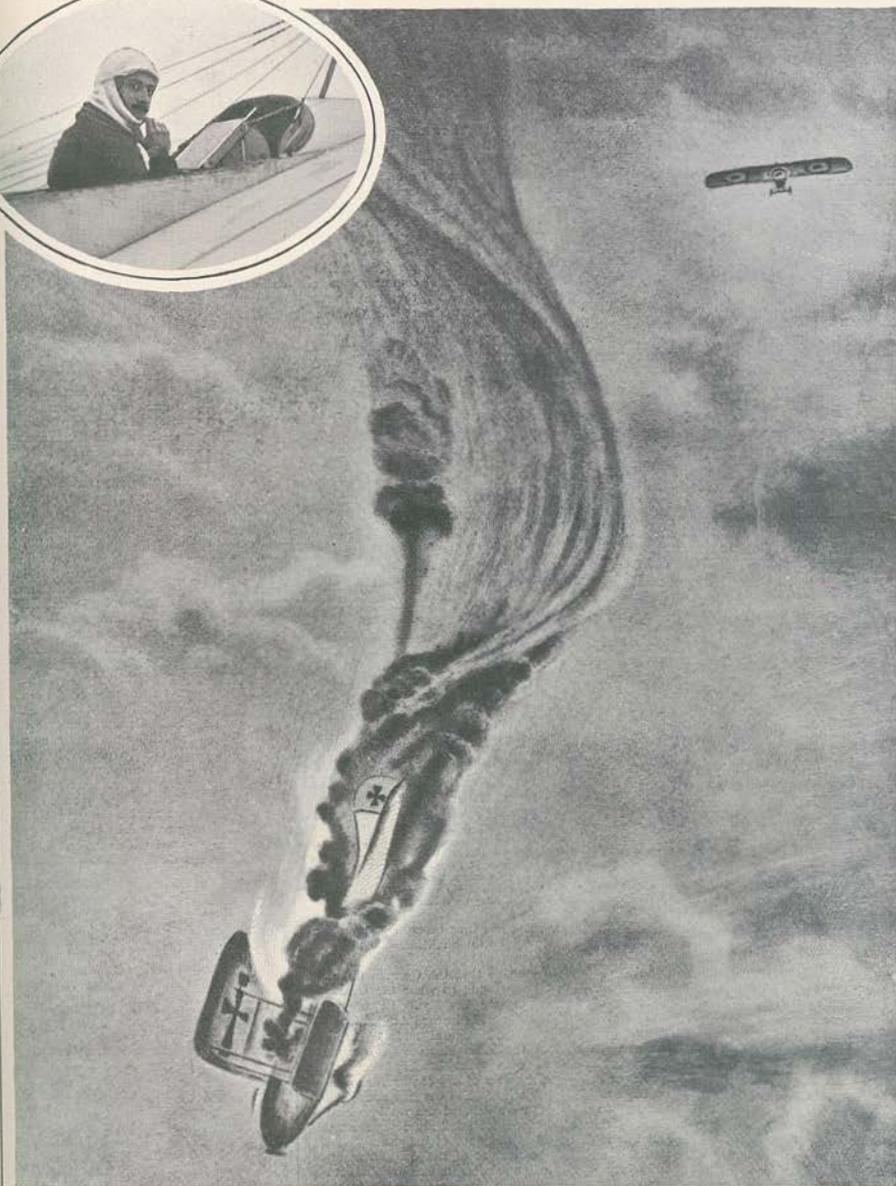


Não são mais felizes os que caem vivos nas mãos dos alemães. Aquele pobre inglez de braço ao peito, de faces encovadas, roendo um naco duro de

pão ordinario, enquanto os seus detentores comem e bebem do melhor, rindo da sua vitima, é o mais doloroso exemplo d'essa falta de humanidade.

(Illustrated London News).

## UMA PROEZA DO GRANDE AVIADOR GARROS



Como se sabe o grande aviador francez Garros viu-se obrigado a descer na noite de 18 d'abril n'um acampamento alemão, sendo preso e internado em Magdebourg. Mas que terrivel caça não déra ele já a *Taubes* e a *Zepplins*! Ainda dois dias

antes travára combate com dois *Taubes* e, depois de manobras admiraveis, afugentou um e fez precipitar outro, envolto nas chamas de uma explosão, como se vê por este intantaneo da *Illustrated London News*.



A morte d'um bravo. — Não se esgotam os atos de bravura praticados pelos Ingleses em Neuve-Chapelle. D'esse brilhante feito militar um dos corpos que saíram vencedores foi o 2.º regimento de Lincolnshire, cujo comandante o tenente coronel C. B. Mc

Andrew, ao cair ferido mortalmente por um estilhaço de granada, ainda estendia a mão mandando os soldados avançar na sua marcha vitoriosa, pois que ele de mais nada já precisava.  
(Illustrated London News).



*Vigiando durante a noite.*—E' bem posto o nome de *Pegaso moderno* aos aeroplanos que tão convenientes serviços estão prestando ás tropas de combate, tanto por terra, como por mar, volteam-

do nos ares com a mesma afoiteza, atravez das grandes perturbações atmosfericas, em noites escuras, com que pairam sobre a terra, nias noites serenas de luar, como se vê por esta pagina.

## Será profecia ?



Se é profecia, é o proprio Kaiser quem a faz, e bem funebre

(The Sketch).



O 1.º de Maio em Lisboa: Um aspecto do grandioso comício operário realçado no dia 1.º de maio, na Rotunda da Avenida

(Clube Benoliel).

## Juramento de bandeiras na Povoia de Varzim



Constituiu uma interessante festa para a famosa praia do Norte, Povoia de Varzim, o juramento de bandeiras dos recrutas alistados no 3.º grupo da administração militar. O ato, que foi revestido da mais lúzida solenidade, chamou ali uma extraordinária concorrência, sendo muito aclamado o seu comandante major sr. Alberto de Lauro Moreira.



1. Em frente do quartel.—2. O comandante do grupo, major sr. Alberto de Lauro Moreira.—3. Um aspeto dos jogos desportivos pelas praças.—(Clíshês do fotógrafo sr. Avelino Barros, da Povoia de Varzim).

# OS PROGRESSOS DA AMADORA



A comissão administrativa da Escola Alexandre Herculano, da Amadora. Da esquerda para a direita: srs. Delfim Guimarães, José dos Santos Matos e António Rodrigues Correia. Sentados, srs. Inocencio Madeira, João Moraes, Roque Gameiro e José Dias

Nunca são de mais os louvores que possam dirigir-se aos srs. José dos Santos Matos e António Rodrigues Correia, que tem transformado de uma maneira admirável o pitoresco lugar visinho de Lisboa, denominado Amadora.

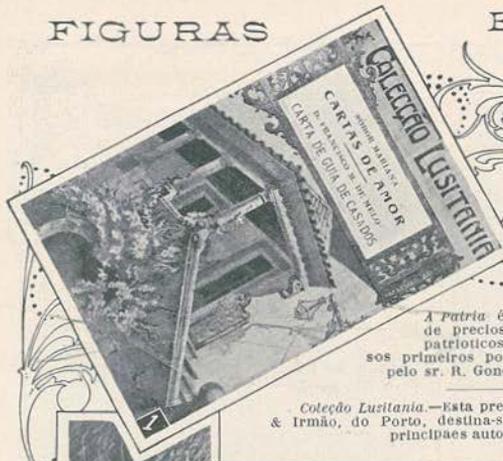
Não tem sido apenas a parte material da formosa estância que lhes tem merecido os seus cuidados; a instrução da infância é, talvez, aquela a que dedicam os

seus mais enternecidos carinhos. E para prova bem demonstrativa pôde apontar-se a Escola Alexandre Herculano, onde a mocidade encontra não só a instrução primária elementar, mas também o curso de educação física, que o nosso ilustre confrade, grande propagandista d'esta especialidade e nosso amigo sr. dr. José Pontes, dirige com a proficiência que todos lhe reconhecem.

E' um estabelecimento que honra sobremaneira os seus dedicados e beneméritos dirigentes pelos serviços que está prestando á mocidade da Amadora.



2. Classe de ginstica da Escola Alexandre Herculano, dirigida pelo sr. dr. José Pontes—3. Grupo de alunos da Escola Alexandre Herculano—(Clôchê Benollet).



A Patria é um livro de preciosos versos patrióticos dos nossos primeiros poetas, coordenado pelo sr. R. Gonçalo do Amaral.

Colecção Lusitania.—Esta preciosa coleção dos srs. Lelo & Irmão, do Porto, destina-se á publicação das obras dos principaes autores mundiaes



Nos Armazens do Chiado—A festa das flores, realisada ha dias n'estes grandes armazens, resultou importantissima honrando os seus promotores.—(Cliché Benoitel).

Na Camara Municipal do Porto.—A posse da comissão administrativa do municipio portuense produziu na cidade uma certa efervescencia, de que se esperava graves acontecimentos. Foram tomadas pelo governo todas as precauções para que a ordem não fosse alterada. Mas era curioso o aspecto militar em frente da cama-



ra e pelas ruas proximas, o que chamou a atenção da gente que por ali se aglomerava. Dentro do edificio não se deu, porem, qualquer incidente de retumbancia na occasião em que a comissão tomou posse dos destinos municipaes e o aparato belico terminou: com a retirada da guarda republicana ao seu quartel do Carmo.

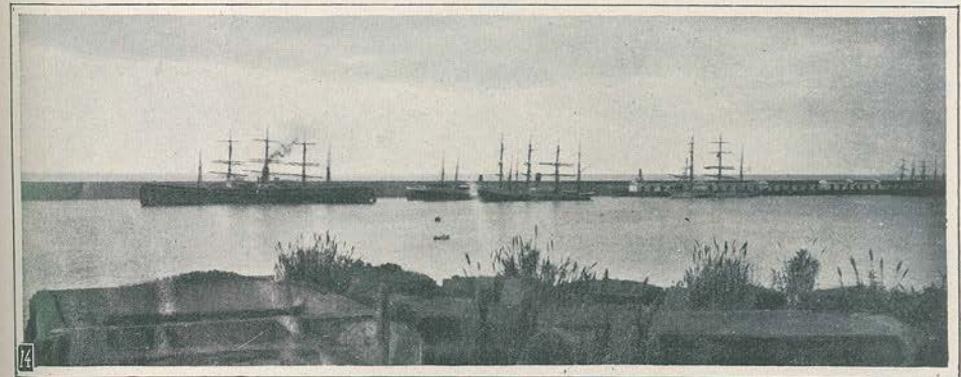
Aspecto da Praça da Republica, no Porto, no dia da posse da comissão administrativa da Camara Municipal.—(Cliché do distinto fotografo amator sr. Jaime Paes).



1. O sr. D. Luiz Breton y Vedra, que desde 1881 era conselheiro geral do Mexico em Portugal, residindo em Lisboa desde 1887. Faleceu ha pouco nesta cidade—2. O sr. Manuel Augusto dos Santos Melo, major de infantaria falecido em Braga—3. O coronel reformado do estado maior, sr. Francisco Augusto Ramos, falecido ha dias em Vizeu—4. O sr. Joaquim Urbano da Veiga, capitão-tenente farmaceutico da armada, reformado desde 1900, que recentemente faleceu em Lisboa—5. O sr. Antonio Chamadouro Dominicos, grande proprietario em Almada, onde faleceu—6. O solavel escultor francez Saint-Marcoux, falecido recentemente em Paris. Era natural de Reims e contava 70 anos de idade—7. O considerado professor do Conservatorio de Lisboa, sr. Ernesto Augusto Ferreira Vieira, ha pouco falecido—8. O sr. Antonio Augusto Batista, chefe da secção de estofador dos Grandes Armazens do Chiado, onde era muito estimado, falecido ha dias—9. O conego sr. Joaquim José Freire Faria da Silva, governador do archiepiscopado e mestre de ceremonias da sc. de Evora. Faleceu em Lisboa na idade de 71 anos—10. O sr. dr. João Henriques Schindler, muito distinto clinico e membro do Conselho Superior de Higiene, falecido em Lisboa. Era prim. da esposa do sr. João Franco ff. O opulento proprietario e lavrador sr. Francisco Pedro Duarte, falecido em Lisboa—12. O sr. José Pedro da Costa, comerciante em Alhos Vedros, onde faleceu



NO RIO DE JANEIRO.—Recita realisada no Club Ginasio Portuguez pelo corpo cenicoo do mesmo Club em favor da Cruz Vermelha Portugueza («Cliches do fotografo sr. Costa Santos)



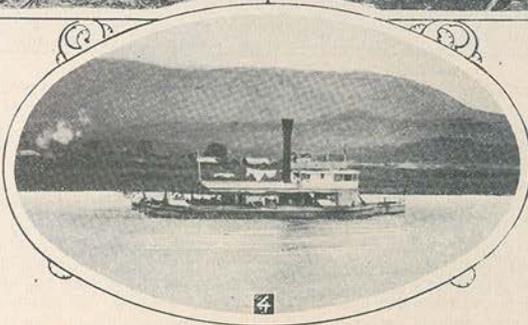
PORTO de PONTA DELGADA (AÇORES).—Mostra uma pequena parte da hacinha da doça, onde se vê, alem de outras embarcações, o vapor japonês «Tokushina Maru», de 6:054 toneladas, que se dirige da Europa para o Japão pelo canal de Panama. É a primeira embarcação japoneza que toca n'aquella ilha e talvez em todos os Açores.—(«Cliches do «Salão High-Life».



PALACIO DO GOVERNO DE MACAU. — Comissão de senhoras trabalhando na confecção dos artigos de agasalho destinados aos feridos da guerra.  
*(Cliché Mameya)*



# NA ZAMBEZIA



São constantes os melhoramentos produzidos nos vastos terrenos da Companhia da Zambézia, que, com uma orientação perfeitamente científica, bem ordenada, tira do seu prodigioso solo os melhores rendimentos. Todas as plantações estão de exuberancia notavel, fazendo honra aos que dirigem os di-

ficeis serviços da agricultura, executados por indigenas que desconhecem por completo os novos processos de cultura, tornando-se precisa muita paciência, e sobretudo muito saber, para «conduzir essa massa de trabalhadores que vivem nos sertões acostumados á rotina primitiva dos seus maiores.

1. No Chire: Fabrica de sital na Vila Bocage — 2. No Bomfim: Uma plantação de cana de assucar—3. Um explendido pé de tabaco no Bomfim—4. O vapor «Luia»

# TEATROS

## “Martires do Ideal”, no Teatro Nacional

Na sua nova peça representada, com um belo exito, no Teatro Nacional, Augusto de Lacerda dramatiza a dôr e a impotencia humanas na realisação dos grandes ideaes da Vida. O ideal é a expressão d'uma força moral—mas é tambem um veneno subtil que corroe e mina a consciencia e o espirito. O ideal é uma virtude espiritual—mas é um jugo que nos escraviza e enclausura dentro das nossas proprias insatisfeitas ambições.

Augusto de Lacerda, espirito culto, a quem os

A ação desenrola-se com clareza até ao final, tratado com viva originalidade, do sonho de Eva que é um «truc» de teatro completo, pela sua suggestão. E uma forte, uma impressiva atmosfera de fatalidade envolve a obra, que mais uma vez forneceu a todos os que estimam o talento de Augusto de Lacerda o ensejo de aplaudir as suas eminentes qualidades literarias.

## A semana teatral

Nos outros teatros, pouco digno de registro. A companhia de declamação do Teatro da Republica encerrou os seus espetaculos no Teatro de S.



Cena do 7.º quadro «No verso» no 2.º ato da revista *Rosa Tirana*, em cena no teatro Apolo, pintada pelo talentoso cenografo sr. José Mergulhão

grandes problemas da alma moderna interessam, propôz-se na sua nova peça demonstrar a inaniidade e a mortal angustia d'aquelles que n'um ideal superior a si proprios põem a razão de ser da sua existencia moral. O ideal da ciencia e o ideal do amor—perturbadoras, funestas mentiras!

“Martires do Ideal” é, pois, um drama de consciencia, mais do que um drama de coração—e fazel-o com as condições teatraes que o autor da «Duvida» lhe imprimiu só poderia ser tarefa d'um autentico dramaturgo. A intensidade, que a palavra excessivamente literaria, por vezes, dilue, gradua-se, no emtanto, notavelmente de ato para ato.

Carlos, depois d'uma exploração que é um documento do valor e da tenacidade do seu illustre empresario. A companhia do Eden regressou do norte e deu-nos a «première» da «General», com Etelvina Serra—e nos teatros Avenida e Apolo o «A. B. C.», nas suas ultimas representações, e a «Rosa Tirana», em pleno successo, continuam a entreter a curiosidade dos amadores da revista alegre e bregeira. Na Trindade «O Relogio Magico» continúa a funcionar maravilhosamente e no Politeama, nos intervalos dos congressos politicos, dão-se agora variedades e animatografo.

A. de C.